

# Um Natal global num jornal regional



Leitores e amigos da **Gazeta das Caldas** que vivem no estrangeiro e estrangeiros dos vários cantos do mundo que vivem nas Caldas da Rainha dão nesta edição o seu testemunho como é vivido o Natal em países tão díspares como a Finlândia, o Japão, a Austrália, a China ou Brasil.

Apesar das diferenças há traços comuns na forma de viver esta quadra festiva, que o nosso jornal realça nesta época em que emerge a dimensão glocal (pensar global e agir local; pensar local e agir global).



# Natal 2012

## “Pai Natal: traz comida, roupa e casas para as pessoas que estão a precisar”



RÚDI TEIXEIRA

Um helicóptero telecomandado para mim, uma Barbie, ou então um bebé para a minha prima Matilde e para o meu primo que está na Alemanha. Pode ser um

carro de brincar... não, é melhor um jogo. Para as outras pessoas, o Pai Natal pode trazer comida, roupa e saúde. Ah e também amor. Sim, o amor é para todos”.



ANA AGOSTINHO

“Quero pedir ao Pai Natal que traga Saúde para as crianças que estão internadas nos hospitais e ainda médicos e enfermeiros para tratar toda a gente. Gostava que ele trouxesse roupas, co-

mida e casas para os pobres (crianças, adultos, bebés e velhinhos). Que traga também flores para enfeitar as suas casas.

O Euromilhões para a minha mãe, uma Barbie e lápis de cor para mim”.



DULCE BORDA

“Para mim gostava que o Pai Natal me trouxesse um computador e uma máquina fotográfica.

Para as outras pessoas podia trazer co-

mida, roupa e dinheiro para poderem comprar as coisas à vontade, pois nós não sabemos os gostos de toda a gente”.



MIGUEL RIBEIRO

“Para mim pode ser um helicóptero e... para todos pode ser paz, amor e muita amizade.

O Pai Natal também podia trazer co-

mida para quem precisa. Podia oferecer algumas frutas e pães com queijo e fiambre”.

## Querido Pai Natal,

**E**screvo para te falar de um velhinho barbudo e barrigudo, com um sorriso caloroso e um abraço de fazer corar o mais avarento dos homens.

Tudo começou há muito tempo, na altura do Natal, numa época de prosperidade, em que o dinheiro abundava e os presentes enchiham casas e os campos eram verdejantes. Nesta altura o velhinho passeava pelas ruas cheias de crianças, a quem adorava dar presentes, com uma banda sonora de risos e gargalhadas e um cenário repleto de brilho.

No entanto, gastos desnecessários fo-

ram feitos e as crianças outrora felizes foram privadas dos seus sonhos. Nas ruas antes preenchidas, o velhinho via agora o vazio e a alegria das crianças substituída por rostos adultos, cansados e tristes.

Sabes Pai Natal, o velhinho de quem te falo... bem, esse velhinho és tu. Não agora, não hoje, mas amanhã, num futuro não muito longínquo.

É que neste momento de crise compreendemos que as pessoas têm receio do futuro, são mais contidas e a dura realidade é vivida um dia de cada vez. No entanto, assistimos a um envelheci-

mento da população tal, que qualquer dia são mais os pais natais que as crianças. Numa sociedade em que não existe imaginação e fantasia, não existem sonhos, e sem estes não há motivação ou estímulo para alcançar o sucesso.

Não quero recorrer ao lugar-comum que as crianças são os adultos de amanhã, mas... não é verdade?! Se queremos recomeçar, precisamos de pessoas empenhadas e com valores, capazes de promover o desenvolvimento e a mudança, cabe a todos o papel de educar para que tal aconteça. Mas para educar tem de haver quem. E sim, acredito que

se cumprirmos bem o nosso papel podemos mudar o nosso futuro, e o de quem está para vir.

Porque não tenho medo de dizer que as crianças são o nosso amanhã, tenho um pedido muito especial para este Natal: querido Pai Natal, espalha por todas as casas o espírito natalício, a esperança e a vontade de acreditar. Qualquer dia a quem darás presentes se a magia do Natal desaparecer?

**Dina Gabriel**  
Professora



Traz-me, se puder, paciência para falar com estas pessoas que não acreditam em nada e que ensinam os filhos a não acreditarem em dragões, castelos, princesas, piratas e em fadas.

Sem um pingo de bom senso, um grão de sabedoria e imaginação tu não passas de uma Invenção.

Se puderdes, se não te pesar, traz-me forças para seguir em frente com aquilo que acredito.

Porque eu acredito em livrarias com bicho plantadas no cimo do monte, na escrita, na expressão, na ilustração, na pintura, no teatro, no cinema, nos artistas, nos escritores, no poder dos leitores.

Acredito no poder que tem um nariz vermelho, uma gota de água e um contador de histórias.

Já sei, acabei agora mesmo de descobrir. O que eu queria mesmo era uma máquina de acordar os sentidos a toda a gente que adormeceu no tempo e veste o seu corpo todos os dias, esquecendo-se da cabeça, da alma e da identidade na mesinha da cabeceira.

Desejo uma boa noite de entregas, que nada falhe para que faça sentido este nosso pedido diário ao menino Jesus:

Senhor, ajuda o papá, a mamá, a vóvó e todos os meninos do mundo a dormir bem.

Um beijinho redondo, bem embrulhado em papel de rebuçado.

**Mafalda Milhões**  
(Livraria)



que os berços tivessem balanço e que a relação desse a mão à escuta para ela não se perder por aí.

Queria que as livrarias se enchessem de gatos e de gente e que as traças se perdessem na luz das leituras.

Queria que em vez de fechar abrissem 107 Livrarias.

Queria ter a certeza de que as Bibliotecas “bibliotecam”, que os Museus “museiam” e que as palavras andam e que não vai haver secura. Vão ser criadas hortas comunitárias onde se plante e colhe leitura.

Queria uma vela acesa e pão na mesa.

Queria a porta aberta para deixar entrar quem quer Ser, Fazer e Acontecer.

Não tragas fartura mas franqueza. Não tragas mentiras no lugar da Riqueza.

afinal não estava tudo perdido. Eu acho justo que as pessoas que me querem vir a trabalhar com marionetas paguem uma entrada, pois para a economia funcionar deve-se pagar quando se quer consumir o que outra pessoa faz, seja um bolo ou um espetáculo. Mas o que se passou, Pai Natal, é que se começaram a construir casas para eu e outros como eu pudesse trabalhar com todas as condições, autênticos palácios, lindos, até fiquei muito agradecido. Parecia que tudo ia melhorar. Mas sabes, Pai Natal, eu gostava de trabalhar nessas casas, mas não estou a conseguir, pois as pessoas que me iam ver, já não querem ir, agora têm de pagar. Imagina que até algumas acham

injusto pagar para se ver teatro. Pensaram que o teatro era só magia e nunca se lembraram que existiam pessoas por detrás dos bonecos. E agora, Pai Natal, como é que vou explicar que alguém me compra para oferecer, como é que vou convencer as pessoas a pagar para verem o meu teatro de marionetas, se estiveram convencidas durante tanto tempo que a cultura era gratuita. Sei que vou conseguir, há que ter esperança e pensar na criança que me veio dar uma moeda. Mas podias ajudar...

**S.A. Marionetas – Teatro & Bonecos**  
[www.samarionetas.com](http://www.samarionetas.com)



# Holanda, Finlândia e Itália. Três Natais europeus.

HUGO SIMÕES, 36 ANOS, CALDENSE. CORPORATE DESIGNER NA AGENCIA ESPACIAL EUROPEIA EM ROMA, ITÁLIA.

**E**stou há cinco anos em Itália. Antes estive dois anos na Finlândia e cinco na Holanda. Eu tento conciliar. Às vezes passo o Natal cá e a Passagem de Ano lá, outras vezes é o contrário.

Este ano vou passar o Natal em Portugal. Ainda não passei nenhum Natal na Itália, mas já passei na Finlândia e na Holanda.

Na Finlândia é muito diferente, des-  
de logo porque há neve por todo o lado. E porque o Pai Natal é da Finlândia eles têm uma tradição muito grande. As famílias normalmente alugam um Pai Natal. Há associações que durante a noite disponibilizam pessoas que durante a noite batem à porta das casas e começam a falar com as crianças, a perguntar como é que elas se portaram. Normalmente os pais dizem antecipadamente algumas das coisas que os miúdos fizeram e eles ficam espantados

como é que o Pai Natal sabe tanta coisa. Acabam por dar as prendas que os pais compraram, é uma tradição divertida.

Na Holanda celebra-se a Festa de São Nicolau a 6 de Dezembro. Como têm muitos canais, o São Nicolau chega num barco, que é uma coisa completamente exótica para mim. Vem acompanhado de vários ajudantes negros. Diz a tradição que São Nicolau vem de Espanha.

Dão-se prendas aos miúdos, uns biscoitos que por esta altura se vendem aos quilos e que são dados às mãos cheias. Se os miúdos se portaram mal, os ajudantes do São Nicolau levam-nos para Espanha. Devido à ocupação da Holanda por Espanha, ainda hoje os espanhóis são visitos como maus e por isso... "se te portas mal vais para Espanha".

O Natal em Itália, destes três, é o mais parecido com o nosso. Bastante católico, em família, toda a gente em casa onde a

família se encontra e toda a gente come até não poder mais... como cá!

Dependendo das zonas, se se está mais perto do mar ou da terra, os menus mudam. O que é constante lá é o Panetone, que poderia ser mal comparado ao nosso Bolo Rei. É um pão doce, com a massa bastante mais fofo que a do Bolo Rei, sem qualquer decoração a exterior e com menos frutos secos no interior. Os que se compram cá também são vendidos lá. Mas há uns Panetones especiais, como um de pistácia que vou trazer para a minha família este ano. Há de cerveja, de azeite, de noz, de espumante, muitas variedades.

Quando venho a Portugal tento mos-  
trar aos meus pais as receitas que vou aprendendo por lá, massas, trago quei-  
jos que se derretam e misturam com  
rúcula e pinhão, o creme de balsâmico.  
Para lá levo Queijo de São Jorge, sal de  
Rio Maior, porque o nosso sal é fantás-



tico, levo broa de milho, que não há lá, morcela de arroz, não têm nada parecido, pastéis de nata, pão de ló de Alfeizerão ou do Painho, e gelatina, que não se encontra lá. Este ano levei pela primeira vez bacalhau. Cheguei a levar vinhos e aguardentes, mas agora com as novas regras é muito complicado.

## O Natal no Brasil

*Luzes natalícias com temperaturas de 36º ou mais!*

JOÃO PEDRO SANTOS – ACTOR, HUMORISTA E APRESENTADOR, 32 ANOS. VIVE NO BRASIL HÁ UM ANO.

**B**om, o Natal em São Paulo é acima de tudo uma corrida ao consumo. Uma febre de compras, de anúncios de produtos de todos os tipos. Os centros comerciais estão cheios de pessoas, cujo único ob-  
jetivo é comprar, comprar, comprar. O espírito de Natal no seu modelo clássico, de celebração do nascimento de Cristo quase não existe, substituído pela celebração do produto, da marca, da venda. Para além desta característica do "Natal contemporâneo" que é transversal nas sociedades modernas, penso que em Portugal acontece o mesmo. Só há uma grande diferença: o facto de aqui ser Verão... É muito estranho ver ruas cheias de luzes natalícias, árvores de Natal por todo o lado, com as temperaturas de 36 graus ou mais!

No meu imaginário o Natal é uma época de frio, chuva, neve... é-me difi-

cil conceber estas festividades em pleno Verão. Mesmo para os Brasileiros a memória do Natal remete para o frio, portanto todo este mês de Dezembro aqui no Brasil parece estar deslocado, fora de época, um pouco como o Carnaval aí em Portugal em pleno Inverno quando, na verdade, pensamos em Rio de Janeiro, praias e calor...

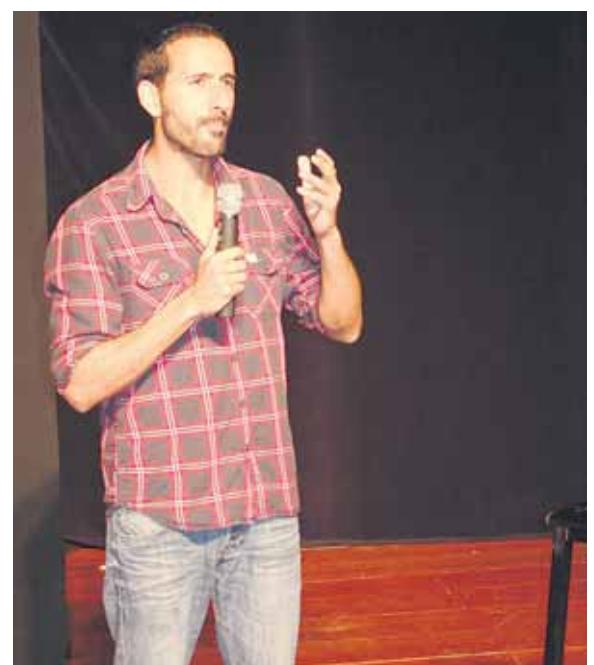
Sinto falta dos meus pais dos meus mais próximos, do meu "canto" e de coisas mais práticas e triviais como um bacalhau cozido com batatas, ou o cheiro inconfundível do mar português.

É um regresso a casa, agora no Natal, ao meu país, e como e qualquer regresso levo comigo um sentimento de saudades por matar, de rever família e amigos, de recuperar e ganhar energias, de saborear o que o meu país e a minha cidade têm para me oferecer. Viajar, sair por motivos profissionais, acaba por ser

uma longa antecipação do regresso. Na mala procuro levar um pouco de quem gosta de mim, de quem eu sinto saudades. Gostava de levar (neste caso trazer porque estou em São Paulo) um pouquinho de Portugal... Agora sente-  
me um Roberto Leal, mas enfim acho que é mesmo assim...

Eu tenho uma família pequena, sou filho único costume passar o Natal aí em Caldas com os meus pais e os meus tios, e celebramos o Natal de uma forma tradicional com bacalhau na mesa, peru e as demais iguarias, depois do jantar abrimos os presentes.

Aproveito para desejar um óptimo Natal a todos os Caldense com ânimo e coragem nestes tempos difíceis, um grande abraço aos meus irmãos do Póneis e um beijo muito grande aos meus pais".



## “Temos Natal por um mês inteiro no Japão”

SÓNIA ITO, LUSO-JAPONESA FILHA DE UM CASAL TAMBÉM LUSO-JAPONÊS, QUE VIVE HÁ 30 ANOS NO JAPÃO.



De 23 a 25 de Dezembro os em-  
pregados em lojas, sobretudo na área da restauração, andam vestidos de Pai  
Natal ou de rena e, muitas das vezes,  
cumprimentam quem ali vai com um  
Merry Xmas ou Yoi Xmas wo (te-  
nha um feliz Natal).

Também há quem vá à Missa do Galo (na véspera de Natal à meia noite), mesmo os que não são católicos, que gostam de assistir aquela cerimónia, que é mais festiva e interessante para muitos.

O Natal no Japão começou por ser um festejo mais para os casais novos, mas desde que cá estou sinto que se tornou um festejo familiar. O verdadeiro significado do Natal não é muito conhecido, mas é festejado por ser Inverno e um dia feliz, em que as crianças recebem presentes do Pai Natal, enquanto que os adultos trocam prendas.

A rádio local da vila começa a assinalar a quadra logo no início do mês, com o alinhamento composto essencialmente por músicas de Natal, pelo que temos Natal por um mês inteiro!

A consoada normalmente é composta por frango ou galinha, ou mesmo peru, uma influência ocidental, e que também é uma forma totalmente diferente da refeição habitual.

E, ainda que as luzes, a música e as decorações mostrem um Natal como em qualquer outro lado do mundo, reconheço que ainda há tradições do Ocidente que não são aqui celebrados, como é o caso da reunião familiar e o espírito de compartilhar e amar o próximo.

Festejo o Natal com a família e gosto de reter as minhas recordações de criança. A celebração do Ano Novo nesta família é semelhante à do Natal: a extensa família reúne-se para festejar mais um ano!



# Em África

Onde vivo, Cabo Verde, não existem as quatro estações como as conhecemos em Portugal. Está sempre calor e sol. As pessoas rezam para que chova nos três a quatro meses que é suposto, o que lhes irá permitir o seu sustento, em milho e outros produtos da terra.

A frase que oíço desde que cheguei a Cabo Verde, repetida pelos muitos portugueses que cá vivem, traduz sempre a mesma satisfação de passar o Natal de chinelo no pé e passar a manhã de Natal na praia. Para nós essa é a maior novidade e sentimo-nos privilegiados por podermos tomar um banho de mar todo o ano e ainda mais em Dezembro. Contudo, confesso que para mim o Natal traduz-se na lareira com a lenha a crepituar, a azáfama na cozinha coberta de farinha e a satisfação de estar a família reunida. Por cá não temos o "feeling" do Natal a chegar, nem o cheiro característico das ruas e das casas. As poucas luzes que enfeitam uma avenida principal não chegam para nos lembrar que a época natalícia chegou. Talvez falte o frio que faça o nosso corpo lembrar-se que estamos em Dezembro.

Num país pobre como este, não existe a correria dos presentes. Os ricos compram fora do país e os pobres muitas vezes vêem o Natal passar improvisando qualquer coisa que distraia as crianças da sua limitação. Há, portanto, espaço para darmos largas à nossa imaginação e solidariedade. E há tanto para fazer. Este é um aspecto que tornou a minha vida em Cabo Verde mais interessante. Não sei explicar, mas cá é mais fácil mobilizar forças e vontades. As vi-

das não estão tão perdidas em rotinas e engarrafamentos, sobrando tempo para convívio e inter-ajuda.

Se passasse o meu Natal em Cabo Verde passaria com a minha "família" de cá. Os amigos de todos os dias, dos quais sou já inseparável e a quem recorro sempre. Provavelmente, iríamos jantar à beira mar e porque não um banho de mar à meia-noite sob o céu estrelado. *Um sabura* (= uma delícia).

Entretanto, vamo-nos juntando em almoços e jantares, sob o pretexto "Jantar de Natal" ou "O amigo secreto - Troca de prendas"; no fundo, o importante é haver um pretexto para nos juntarmos, como portugueses que somos, à volta de uma mesa.

Em minha casa fazemos a árvore de Natal. Comprada numa loja de chineses, tem um aspecto bastante tunning e nada convencional, mas conforta-nos tê-la na nossa sala.

Sei pelo amigos caboverdianos, que o Natal cá é igual ao de lá. A mesa é recheada das mesmas iguarias estando até o bolo rei presente, ou não tivéssemos nós exercido influência neste país desde os seus primórdios. Este povo bastante devoto não falta à Missa do Galo.

A maioria dos portugueses regressa a casa uns dias antes do Natal. Os aviões regressam cheios e é uma festa desde que nos juntamos até chegarmos ao destino. Estamos imensamente felizes e não conseguimos escondê-lo. É emocionante a energia que se sente no aeroporto da Portela, que se sente nos abraços confortantes, nos beijos ardentes e nos olhares molhados e rendidos. Não consigo explicar o que sinto pois é algo



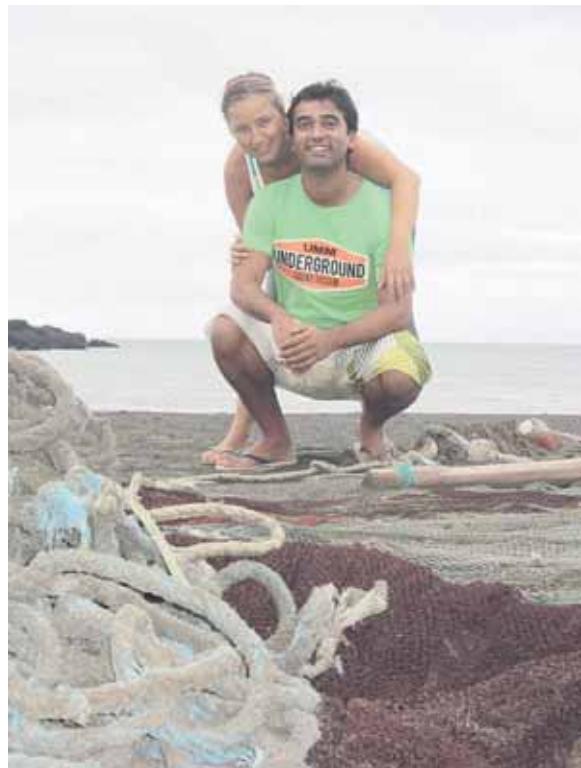
**MÓNICA AMARAL, 30 ANOS, CALDENSE, EM CABO VERDE HÁ UM ANO E MEIO. ENGELHEIRA DO AMBIENTE, ESTÁ ACTUALMENTE A TRABALHAR NA EMBAIADA DE PORTUGAL**

demasiado forte para o conseguir exprimir. Mas não se compara a nada quando saio e vejo a minha mãe e penso mentalmente "Desta vez não vou chorar", já com as lágrimas a escorrer pelo rosto e quase desmaio no seu abraço. Faz valer a pena toda a distância e momentos perdidos.

Eu e o Nuno temos sido mestres na gestão de tempo. Os dias de férias estão contados e nunca chegam. Tem de haver tempo para as várias famílias, amigos das Caldas da Rainha e respectivas festas, almoços, jantares; Os amigos que estão mais longe que acabam sempre por não ser visitados; Todas as burocracias que aproveitamos para tratar... Os dias não são clássicos, mas bem que gas-tamos as solas a correr através deles.

Tudo irá culminar, para mim, na véspera de Natal na cozinha com mãe, irmã e tia, de volta dos sonhos, das filhós, e os muitos outros docinhos que vão decorar a nossa mesa de Natal. Este frenesim termina mesmo a tempo da hora de jantar, ainda com restos de farinha na cara e um outro bocado de massa perdida no cabelo, e a satisfação ao ver a mesa cheia.

No regresso, a mala vem recheada de bacalhau, enchidos e queijo, rezamos para que não nos mandem parar na alfândega ou lá se vai a nossa "incmenda di tera" (como chamam os cabo verdianos que mandam umas encomendas de alimentos aos seus emigrantes). O cansaço só o sentimos verdadeiramente quando regressamos a Cabo Verde. Durante as férias desenvolvemos uma energia extra, que nos permite andar de casa em casa tão satisfeitos e agradecidos de podermos estar na nossa terra com os nossos.



# Joulu Joulupukin maassa - o Natal na Terra do Pai Natal

**PLÁCIDO AFONSO, 41 ANOS, CALDENSE. NA FINLÂNDIA HÁ QUATRO ANOS. DESIGNER, DE MOMENTO EM LICENÇA PARENTAL.**

Aqui, ao contrário do que acontece nas Caldas e em geral na orla costeira portuguesa, temos realmente as quatro estações do ano, tal como nos é mostrado nos livros infantis.

A natureza revela-se tão bela quanto selvagem, nesta imensa floresta, cheia de lagos e com alguns grupos de casas aqui e ali. Nesta terra, a paisagem muda tanto que o mesmo local é quase irreconhecível do Verão para o Inverno. O desfrute desta maravilha natural tem o seu preço, tanto no diferencial de luz (dia/noite), como no diferencial térmico. Nas Caldas a diferença entre o maior dia do ano e o mais pequeno (solstícios) não chega a 6 horas enquanto que aqui, na zona de Helsínquia, ultrapassa as 13 horas. Da mesma forma que nas Caldas é normal encontrar temperaturas entre os 10º e os 30º, aqui é normal encontrar entre os entre os -25º e os +25º. Eu já suportei aqui tanto -32º como +32º.

## É a Terra do Pai Natal!

O Natal aqui não é assim tão diferente do que conhecemos em Portugal. O espírito natalício é mais semelhante do que seria de esperar e os valores religiosos (embora seja uma população maioritariamente Luterana) e de solidariedade são idênticos. É típico no dia 24 visitar os cemitérios e acender velas ao entes queridos falecidos.

O Natal é, acima de tudo, uma festa de família, onde se está com os entes mais queridos no aconchego do lar, faz-se sauna, come-se, bebe-se (muito) e troca-se prendas. Aqui o dia 26 também é feriado, muito apreciado para recuperar do excessos de 24 e 25!

Na Ceia de Natal não costuma faltar o presunto cozido ou assado na sauna, salmão marinado, grelhado e/ou fumado, diversos purés: batata, batata doce, cenoura, etc., salada de beterraba, diferentes tipos de patés de peixe, cogumelos (kantarelli e suppiolahvero), etc. Quando há portugueses, obviamente costuma haver o "fiel amigo".

Muito típico são os *Pikkujoulut*, ou Natalinhos, que são festas entre amigos, colegas de trabalho, colegas de sauna, etc. para celebrar o Natal com os amigos. Começam a meados de Novembro e vão até ao dia 23.

## É a Terra do Pai Natal!

Não posso deixar a oportunidade de salientar que também no Natal as muitas lojas de artigos em segunda mão são bastante frequentadas. Eu sou um incondicional defensor da reutilização (ainda mais do que da reciclagem) e rendo-me a uma cultura de usar e reusar o mais possível – mantendo as divisas dentro do país. Aqui não há lojas dos chineses e não se está tão preocupado com o que é que a vizinha acha, do que por exemplo, estamos a vestir.

Assim o "dress code" não se enquadra tanto na cultura do "penacho" e permite a deslocação a pé e ou de bicicleta em condições atmosféricas "muito difíceis" comparando com as que encontramos nas Caldas. As crianças que tem mais incontáveis parques infantis à disposição vestem-se para brincar neles e não para "ir às compras".

## É a Terra do Pai Natal!

Não posso deixar de vos contar que aqui se passa outra coisa muito estra-



nha: as infra-estruturas são pensadas, projectadas e executadas para as pessoas usarem, para as pessoas desfrutarem! Para as pessoas, não para os carros!

Assim temos uma rede de itinerários pedonais e cicláveis grátis muito maior do que de auto-estradas em Portugal! É também notável que os passeios para peões/ bicicletas são a base de itinerários para facilitar a mobilidade mais sustentável – a não motorizada – e não "molduras" para enquadrar os edifícios indiferentes que tem mobilidade reduzida ou até ao ciclistas.

## É a Terra do Pai Natal!

Já agora também temos uma rede

de transportes públicos coordenada e articulada com horários compatíveis entre os vários modos e os horários das pessoas! Aqui para muito boa gente o veículo do dia-a-dia é a bicicleta – articulada com o comboio ou autocarro. E quando voltam ao fim do dia de trabalho a bicicleta costuma estar onde foi deixada! O carro é para quando é mesmo necessário.

## É a Terra do Pai Natal!

E de forma promover os bons hábitos e investir no futuro, na zona da grande Helsínquia, onde vive quase metade da população finlandesa, levar o filho/a de carrinho de bebe (até

aos 6 anos) é completamente gratuito em todos os transportes colectivos (comboio, autocarro, metro, tram) quer para o pai/ mãe, quer para a criança.

## É a Terra do Pai Natal!

Esta consciência social, reforçada por políticas de consumo interno e de boas práticas, quer promovidas pelo estado, quer pelos próprios cidadãos, permite que o Pai Natal seja mais generoso aqui do que em Portugal.

# Austrália, no outro lado do mundo

SÍLVIA MATEUS CANÇADO, 37 ANOS, BENEDITA. LICENCIADA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL.



**C**heguei a Melbourne em Agosto 2012. Não vou a Portugal no Natal.

Uma das coisas que tenho mais saudades, para além da família, é do frio nesta época! Estranho? Podemos comprar bacalhau na casa ibérica no centro da cidade. Sempre atenuamos as saudades... A Austrália é o país do borrego... Sendo o meu marido alentejano, aqui iremos também fazer borrego. Vou ainda tentar fazer os sonhos.

Este é um país multicultural, não há nenhuma tradição específica. Come-se peru assado, *leg ham* (uma espécie de perna de porco com pele assada). Os australianos adoram *barbecues*... Grelham carne, bebem cerveja ou vinho australiano.



# O Natal na Moldávia

CRISTINA TELEHOVSCHI É DE NISPORCHI E TEM 34 ANOS. JULIANA STAVER, DE 31 ANOS, É NATURAL DE STRASCIU. AMBAS VIVEM NAS CALDAS DA RAINHA HÁ 10 ANOS.

**N**a Moldávia os presentes são trocados de 6 para 7 de Janeiro e até esse dia não se come carne. Há pois um período semelhante ao que se vive em Portugal na Quaresma pois durante as três semanas antes, ou seja, desde finais de Novembro até ao início de Janeiro, há algumas restrições alimentares. Esta tradição ainda é praticada, mas sobretudo por pessoas de idade.

Na Consoada em Portugal come-se pera, na Moldávia comemos carne de porco, algum cabrito e até coelho. Antigamente associavam-nos a estas festas a matança do porco, sobretudo nas aldeias moldavas.

Há ainda a tradição de grupos de crianças entoarem cânticos de casa em casa. Designa-se "Colinda" e serve para desejar Bom Ano de casa em casa. As pessoas acabam por dar sempre alguma coisa aos miúdos.

Cá em Portugal seguimos as tradições portuguesas e nos anos em que va-



mos à Moldávia vivemos as duas festividades.

Há alguns pratos típicos, associados à

época como o Cozonac (bolo de queijo fresco e frutos secos), a Invirtita (pão doce) e o bolo Panetone.

# “Na China a grande festa é no Ano Novo”

QIAOQUANG WU VIVE NAS CALDAS HÁ TRÊS ANOS. É NATURAL DE QUITAN, NA REGIÃO DE ZHEJIANG. OS SEUS FILHOS, NASCIDOS EM PORTUGAL, OUIJIE E OUHAO WU, GÉMEOS DE 11 ANOS, SÃO ALUNOS DA EB1 DO BAIRRO DA PONTE.

“O Natal não é celebrado na China. As grandes festas acontecem com a celebração do novo ano, em Fevereiro. As famílias juntam-se e as mesas são fartas. A comida é diferente na China. Há vários pratos de carne de porco e também vários de peixes. Há bolos e muitas frutas.

Quando estamos cá celebramos o Natal de forma ocidental e na nossa mesa só o pão é que é chinês pois é a minha mãe que o faz. Cá até fazemos a árvore de Natal.

Já vivi na China a festa do Ano Novo pois tenho lá avô e tios. Gosto mais da festa da lá porque é diferente e há festa na rua e fogo de artifício. Já lá fui quatro vezes.

Há lá coisas diferentes. É bom!”.



# O Natal do Francisco

**O** Francisco tinha feito há pouco tempo doze anos, mas há muito que os pais o obrigavam a participar nos únicos trabalhos de casa que conhecia: trabalhar no campo.

Mal aprendeu a escrever o seu nome e a tabuada, deixou de ir à escola.

– O que tens de saber é trabalhar na fazenda para ajudar a sustentar a tua família – dizia-lhe repetidamente o pai.

– Hei-de ensinar-te tudo o que precisas de saber para seres um homem – ouvia ele vezes sem conta.

Ser o mais velho de quatro irmãos tinha raramente vantagens, mas sempre obrigações. Apesar teve tempo de saber quem foi o primeiro rei de Portugal, mas aprendeu tudo o que era necessário para cultivar as terras que os pais haviam herdado dos seus avós e aprendeu a tratar do gado. Enquanto os irmãos iam decorando os nomes dos rios, dos continentes, dos navegadores, ele ia aprendendo a lavrar, a semear, a ceifar. Nas raras ocasiões em que se encontrava com os meninos da sua idade, ouvia entre risos de uns e de outros – o Francisco não sabe ler, o Francisco não sabe ler... – e não sabia. Conhecia a melhor altura do ano para regar, o momento certo para adubar, mas não sabia ler. – Quando for grande, hei-de fugir desta terra. Quando for grande, hei-de ir para longe – repetia ele no seu íntimo enquanto cuidava dos animais.

Enquanto as outras crianças desenhavam casas, comboios, ou até o arco-íris, o Francisco só conhecia as cores dos campos que se pintam de verde, de amarelo e depois de castanho, conforme as estações do ano.

Enquanto via os outros meninos a brincar depois da escola, só uma ideia crescia na cabeça daquele garoto que o destino tinha obrigado a crescer depressa de mais: fugir da terra, fugir daquela terra.

Na sua cabeça germinava mais depressa do que tudo o que plantava, a ideia de ter muitas estradas e prédios a perder de vista. Cidades onde não houvesse lugar para plantar fosse o que fosse. As páginas do calendário foram voando e um dia, o Francisco, que já tinha feito anos dezoito vezes, teve oportunidade que tanto sonhara. O tio Zé que tinha partido há uns anos para a América

escreveu aos pais, dizendo que naquele lugar existiam grandes oportunidades e o Francisco poderia chegar mais longe e um dia ajudá-los de outra forma.

As colheitas eram cada vez mais fracas e o Francisco que já era um homem, decidiu partir. Na hora de deixar o lugar onde tinha nascido e de onde nunca tinha saído, só a ideia de se afastar daquela terra que lhe tinha roubado as aulas de que ele tanto gostava, que lhe tinha tirado as brincadeiras de qualquer criança, nem sequer olhou para trás.

No momento da partida, despediu-se a correr e as lágrimas que lhe caíram pelo rosto tinham mais o sabor da vitória do que da saudade. Na viagem de vários dias no barco, nunca reparou nos quilómetros que deixava atrás de si, mas tão somente no que faltava para chegar àquele lugar, aquela terra sem terra para cultivar. O Francisco chegou a bom porto, apreciado pela sua força de carácter, pela sua tenacidade rapidamente se tornou líder e transformou-se num respeitado empresário. Nunca mais teve de ir buscar os animais ao curral, nem teve de tocar na terra, mas em si nasceu ao longo dos anos, uma nostalgia enorme daquelas dias em que descalço sentia o calor do barro, daquelas madrugadas em que surpreendia o gado que levava para os campos.

O anho passado, no Natal, o seu neto que nasceu no meio do cimento, do betão, numa cidade onde todos têm tempo para ir para a escola, mas em que as crianças não sabem de onde vem o trigo ou como se trata o gado, disse-lhe algo que nunca mais esquecerá. O seu neto a quem nunca nada faltou e tirou um curso superior disse-lhe: – sabes avô, se eu pudesse, se eu pudesse mesmo fugir desse lugar e ir para a tua terra. Eu acho que podemos ser mais felizes no meio do campo. Tiveste tanta sorte de poder

tocar na terra, ver o trigo a nascer, ouvir o mugir das vacas. Avô, eu queria tanto ter estado no teu lugar. Se pudesse, ia para lá e nunca mais voltava. Os olhos do Francisco brilharam e naquele instante, recordou os campos ora verdes, ora amarelos, ora castanhos onde tinha aprendido a ser homem.

João Carlos Costa

# Óbidos Solidário oferece cabazes de Natal a 90 famílias

O programa Óbidos Solidário vai este ano distribuir cabazes de Natal com bens alimentares a 90 famílias, num total de cerca de 259 pessoas.

Esta iniciativa contou este ano com o contributo da Associação Humanitária dos Bombeiros de Óbidos que participou numa ação de angariação de presentes para todas as crianças sinalizadas, assim como as Juntas de Freguesia que apoiam na distribuição dos cabazes.

Uma outra vertente desta campanha de Natal é o fórum Óbidos, um espaço solidário com a exposição e venda de produtos artesanais com preços simbólicos.

licos feitos por seniores e pessoas desfavorecidas do concelho.

Esta iniciativa, integrada na Vila Natal, tem entradas livres e está localizada na Rua Direita, no edifício do Pelourinho, até 2 de Janeiro. Naquele espaço encontram-se representados 12 centros de convívio da Rede Melhor Idade e os Guias de S. Lourenço – Grupo Interparoquial de Ação Sócio-Caritativa, a Santa Casa da Misericórdia de Óbidos e a Associação para o Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros.

F.F.

# Nazaré tem uma Avenida Natal

Um grupo de comerciantes e empresários instalados na Avenida Vieira Guimarães, na Nazaré, juntaram-se para dinamizar a vila nesta quadra natalícia. Amanhã, 22 de Dezembro, a Rua Alves Redol, paralela ao Mercado Municipal, acolhe uma série de actividades dedicadas aos mais novos entre as 15h00 e as 17h30.

O objectivo da iniciativa “Avenida Natal” é “proporcionar um dia de festa a todas as crianças que ali se deslocarem e dinamizar os negócios”, explica Sérgio Paulo, da organização, citado numa

nota da autarquia nazarena. Entre os atractivos desta ação de dinamização do comércio estão insulfláveis, pinturas faciais, uma casinha do Pai Natal, um comboio turístico e muita música. João Miguel, Nova Geração e o Coro da Academia de Artes da Nazaré garantem a animação musical de uma tarde em que “as crianças terão direito a um lanche, oferecido pelos comerciantes e empresários”, acrescenta Sérgio Paulo.

J.F.



# Atelier do Doce faz o melhor Bolo Rainha do país

**A** Atelier do Doce, de Alfeizerão, venceu a categoria de Bolo Rainha do 1º Concurso Nacional de Bolo Rei Tradicional Português. Uma distinção que “significa muito” para a gerência da empresa, a cargo de Catarina Saraiva e Rui Marques.

Promovido pelo CNEMA – Centro Nacional de Exposições e pela Qualifica, o Concurso Nacional de Bolo Rei Tradicional Português contou com o apoio da Fullsense e da ACIP – Associação do Comércio e da Indústria de Panificação, Pastelaria e Similares. O objectivo era “premiar, promover, valorizar e divulgar o genuíno Bolo Rei Tradicional Português”, que não podia faltar nas mesas nesta quadra natalícia.

A aprovação do júri do concurso foram apresentados diversos exemplares de bolo rei, bolo rainha, bolo rei escangalhado e tranças de Natal. Um dos critérios para poder participar nesta competição era que todos os bolos fossem

confeccionados com matérias-primas locais ou nacionais, tivessem uma história, ingredientes originais, receita original geográfica (se alegada) devidamente registados em documentação histórica ou cuja história familiar ou empresarial tenha mais de meio século.

É o que acontece com o Bolo Rainha da Atelier do Doce, cuja massa é bem conhecida pelas gentes de Alcobaça que desde a década de 60 do século passado se deixam conquistar pelo bolo rei da família Saraiva.

Catarina Saraiva salienta a tradição familiar da massa que agora serve de base aos sete bolos rei que a Atelier do Doce produz: normal, premium, bolo rainha, de maçã, escangalhado, de chocolate e embalado. “Foi o meu pai que me ensinou a fazer bolo rei, que me cedeu a receita da massa. O bolo rainha já fui eu que adaptei a partir desta massa”, diz.

É o que o torna especial? “É a qualidade dos frutos, da sultana, da noz, do pinhão e da amêndoa”, explica Catarina

Saraiva. E a “massa fabulosa, com bebidas licorosas muito boas, com mel, e não apenas com água, farinha e fermento”.

A Atelier do Doce concorreu ainda à categoria de bolo rei. Mas Catarina Saraiva diz que teve “a percepção que o bolo entregue não era de todo um dos melhores bolos que já fizemos. O bolo rei é um bolo complexo e o que levámos a concurso abateu um bocadinho e os critérios do júri eram muito minuciosos”, explica. Ainda assim, a responsável diz ter a certeza que a Atelier do Doce “tem o melhor bolo rei do país e vamos conseguir esta distinção”.

Os bolos da Atelier do Doce podem ser encontrados nas instalações da empresa, na localidade de Casal do Amaro, ou em vários estabelecimentos espalhados pela região, como é o caso do Café Central e da pastelaria Doce Pecado, nas Caldas da Rainha.

Joana Fialho  
jfialho@gazetacaldas.com



Rui Marques e Catarina Saraiva acreditam que também o Bolo Rei da sua empresa vai obter o galardão

## Escola de Artes apresentou musical no Vivaci

Nadine Fialho



Um dos momentos da actuação no centro comercial

No sábado, 15 de Dezembro, o Vivaci recebeu o espectáculo de natal da Escola Portuguesa e Inglesa de Artes e Representação. Ao todo, 22 alunos daquela escola, com idades entre os seis e os 17 anos, deram vida ao espectáculo “Epiartes”, do qual fizeram parte momentos musicais de dança relacionados com a quadra natalícia.

Um dos momentos altos da actuação foi a interpretação conjunta da canção “Noite Feliz”. Vários alunos apresentaram improvisações teatrais que tiveram o Natal como tema principal.

Segundo Fiona Spreadborough, actriz e responsável por aquela escola, a actuação correu bem e foi assistida por

algumas centenas de pessoas. Após o espectáculo decorreu um workshop da dança Zumba, com uma responsável do Ginásio Balance, que contou com a participação de duas dezenas de interessados em saber mais sobre aquela dança latina.

A responsável comentou ainda que durante os sábados de Janeiro, a sua escola estará de portas abertas para uma aula experimental. As crianças e jovens que quiserem aprender a cantar, a dançar ou a representar podem frequentar a primeira aula de forma gratuita, entre as 10h30 e as 13h30.

N.N.

## Ceeria propõe prendas inclusivas

A pensar nas tradicionais ofertas de Natal, o Centro de Educação Especial, Reabilitação e Integração de Alcobaça (Ceeria) promove até amanhã, dia 22, uma Loja de Inclusão. A funcional nas antigas instalações do Laboratório Beatriz Godinho (ao lado do Café Portugal), a loja oferece vários produtos manufacturados pelos utentes da instituição, como peças de artesanato, bolas-

chas caseiras e decorações de Natal. As receitas das vendas da loja revertem para a construção e aperfeiçoamento das novas instalações do Ceeria.

Hoje, dia 21, é possível visitar a Loja de Inclusão entre as 11h00 e as 23h00. Amanhã, o último dia, a loja vai funcionar entre as 10h00 e as 24h00.

J.F.

## Mercado de Natal em Alfeizerão

A Casa do Povo de Alfeizerão promove amanhã, 22 de Dezembro, um Mercado de Natal em forma de venda de garagem. O desafio é para os interessados vendam tudo o que têm e já não usam, como roupa, artigos decorativos ou móveis, bem como doces, bolos ou licores.

As inscrições para participar neste mercado de Natal terminam hoje, dia 21, e devem ser feitas para o telefone 968064789. O mercado tem início às 12h00.

J.F.

## Universidade Sénior celebrou Natal com espectáculo na ETEO

Decorreu durante a tarde de 14 de Dezembro a festa de natal da Universidade Sénior. A primeira parte da comemoração teve lugar no auditório da Escola Técnica e Empresarial do Oeste (ETEO), onde se realizou a habitual Festa de Natal - totalmente interpretado por alunos e professores da escola - e que este ano contou com momentos de dança, música e poesia.

Familiares e amigos juntaram-se a esta celebração que contou com a participação do coro Clave de Sol, que junta também alunos da escola que neste momento possui cerca de 200 estudantes.

O professor de Inglês da escola ensaiou com o seu grupo de alunos canções e coreografias que animaram o fim da apresentação do espectáculo. A actuação dos estudantes foi muito aplaudida pelos presentes.

Apesar do mau tempo, os convivas não arredaram pé e continuaram a festa-convívio nas instalações da escola onde estiveram exposições dos bordados, arranjos florais e trabalhos em tricot e malha dos estudantes.

“Nós não somos velhos, só o tempo é muita idade. Se fossemos velhos não estavámos aqui e não tínhamos as iniciativas que temos”, explicou Vitor Gancho, uma dos representantes da Comissão dos alunos da Universidade Sénior. “Desde o tricot, passando pela



Não há limite de idade para a diversão como o provam os universitários sénior cerâmica, pela fotografia, até ao inglês, temos cá de tudo, como na farmácia”, disse o representante dos alunos, referindo-se às várias disciplinas que podem ser frequentados naquela universidade.

O também responsável pelo coro Clave de Sol diz que há trabalhos de alunos muitos interessantes em várias disciplinas como, por exemplo, em cerâmica e pintura, e explica que, naquela escola, “fa-

zemos as actividades em conjunto, o que resulta sempre em algo positivo”.

É regular a organização de conferências sobre os mais variados temas, desde a cidadania à saúde, e são várias as visitas de estudo que realizam durante o ano lectivo e que mobilizam vários estudantes séniores das Caldas da Rainha.

N.N.

## Cinema foi o mote para o Natal no complexo do Alvito



A animação foi uma constante na festa que recriou a Noite dos Óscares

Alviwood foi o tema da festa de Natal, que decorreu na passada sexta-feira à tarde no complexo escolar do Alvito.

Mais uma vez, centenas de familiares e amigos, deslocaram-se ao pavilhão desportivo, que estava transformado para uma original “Noite de Óscares”, onde assistiram a uma noite dedicada à sétima arte. Todas as turmas apresentaram filmes, aos quais foram atribuídos prémios de acordo com diferentes categorias.

“Foi uma noite quente, cheia de espetáculo, luz e cor”, conta a coordenadora do complexo, Margarida Reis, destacando o trabalho dos alunos e restante equipa do Alvito.

F.F.

# Mercado livre de Natal regressa no próximo ano

Entre os dias 14 e 16 de Dezembro realizou-se no CCC o primeiro Mercado Livre de Natal. Estiveram à venda livros, cerâmicas, decorações, antiguidades, bijuterias e objectos de design que tiveram como objectivo poder proporcionar ao público prendas originais a preços em conta. "Tivemos propostas entre um e 50 euros", disse Carlos Mota, director do CCC, satisfeito com esta primeira edição, que contou com cerca de 20 vendedores em cada um dos três dias, "superando as nossas expectativas".

Com esta iniciativa, pretendeu-se dar uma ajuda a quem quer oferecer peças de autor pois "a arte não é tão cara como se imagina e, às vezes, por pouco dinheiro faz-se uma grande festa", disse o director.

Quem participou, gostou da iniciativa mas preferia que esta tivesse contado com mais divulgação. Foi o que comentou Sónia Santos, das Caldas, que trouxe carteiras malas em trapilho, fios e anéis para vender neste mercado.

"Acho que o mau tempo não ajudou a que viesse tanta gente como nós gostávamos", disse Eveline Luz, comerciante que veio apoiar a filha, Joana Luz, na sua banca de venda de antiguidades, velharias e curiosidades de várias épocas. A comerciante acha que a maioria das pessoas "andava às compras na cidade e nas grandes superfícies".

Maria Teresa Silva dedica-se há um ano à bijuteria e gostou da experiência de vender os seus trabalhos no CCC. Está a aprender Joalharia em Lisboa e espera



Os participantes do Mercado de Natal gostariam que o evento tivesse contado com maior divulgação

regressar-se a iniciativa voltar em 2013.

Inês Querido trouxe peças em madeira que servem de suporte à impressão de fotografias feitas por ela própria. A caldense, de 28 anos, vendia trabalhos onde usa esta técnica que aprendeu numa residência artística na Catalunha.

"Só vim hoje e acho que a iniciativa é muito gira", disse Inês Querido, que acha bem que se façam nas Caldas um Mercado de Natal pois "é algo que apela à criatividade de quem quer participar". A jovem já viveu em Inglaterra, na Holanda e nos EUA, e está agora em Itália, a caminho de ir morar na Alemanha.

"No próximo ano vou ter uma vida

itinerante, a fotografar, a fazer artesanato e a descobrir outras coisas", disse a caldense. Um dos seus projectos é o acompanhamento de comunidades ecológicas na Europa onde já retratou grupos em Portugal, Alemanha, Itália e Espanha.

## 101 PESSOAS PARTICIPARAM NA FESTA SOLIDÁRIA

No domingo, 16 de Dezembro, o CCC organizou uma Festa de Natal Solidária para famílias carenciadas. Ao todo vieram ao centro cultural 80 pessoas que depois de terem assistido ao



A festa solidária do CCC contou com a presença de 80 pessoas

teatro de marionetas "Contos do Mundo", de José Ramalho, também lancharam no foyer do CCC.

"Perante a crise, quisemos ter alguma resposta para as populações do concelho que normalmente não têm acesso ao CCC", disse Carlos Mota, director do CCC, acrescentando que esta foi a forma de convidar pessoas que dificilmente viriam ao local, sobretudo por causa das dificuldades financeiras. "Esta foi a forma de superar essa inibição e de transformar esta casa, na daqueles que menos têm".

O lanche da festa solidária foi feito e servido por alunos e formadores da Es-

cola de Hotelaria e Turismo do Oeste, entidade que se uniu ao CCC na sua vertente solidária. "Destá forma não deixamos de fora nenhuma população em relação ao usufruto deste espaço", disse o responsável, Carlos Mota. Este ainda acrescentou que há em todos os espectáculos do CCC – e tendo em conta as actuais dificuldades financeiras que se vivem – dois a três lugares para pessoas de todo o concelho que não têm possibilidades económicas para a aquisição de bilhetes.

Natacha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com

# "O Meu Natal é o Melhor" para as crianças



Este é o terceiro livro infantil escrito pela caldense Rita Campos

Realçar a importância de valores como a partilha, a humildade e, principalmente, o amor, é o principal objectivo do novo livro infantil da autora caldense Rita Campos, cujo lançamento teve lugar a 8 de Dezembro no café Central. Desta vez a escritora das Caldas colaborou com Bárbara Fonseca, responsável pelas ilustrações de "O Meu Natal é o Melhor".

O livro retrata a história de um Natal em que não é preciso dinheiro para

a que a felicidade reine durante esta época festiva. "Quero desmistificar aquela ideia de que precisamos de ter dinheiro para termos um bom Natal", explicou a autora à *Gazeta das Caldas*. Até porque o verdadeiro sentido desta quadra é o amor entre as pessoas e "isso não se compra, nem se paga, por isso vamos aproveitar o Natal para oferecer este poderoso sentimento das mais variadas formas".

Segundo Rita Campos, o livro resulta da "junção de duas histórias que

já tinha escrito sobre o Natal". Uma dessas histórias tinha sido escrita há 10 anos para uma prenda que fez artesanalmente e que ofereceu à sua família.

Embora nunca tenha dado muita atenção ao Natal, Rita Campos sabe a importância que as crianças dão normalmente a esta data. O próprio título brinca com a forma como cada um considera que o "seu" Natal é o melhor.

No lançamento, Lino Romão elogiou os trabalhos da autora, destacando que os livros "viajam" sempre num universo cheio de imaginação e inocência. "Este é um livro sobre valores e sobre o amor", salientou. Rita Campos aproveitou essas palavras para depois afirmar que "escrever é um acto de amor".

O primeiro livro infantil de Rita Campos, "O Gato Juno", foi editado em 2007, seguindo-se o "A Manta Clarinha" e agora "O Meu Natal é o Melhor". Todos eles contaram com a colaboração de ilustradores diferentes e desta vez o convite foi feito a Bárbara Fonseca, jovem caldense que actualmente está a trabalhar em Berlim.

Nos seus livros Rita Campos utiliza sempre nomes que vai buscar à sua família ou amigos, havendo sempre algo de autobiográfico.

Esta é uma edição de autor e há 100 exemplares à venda, os quais podem ser adquiridos no espaço do projecto "Olha-te", no Vivaci, ou directamente à autora ([www.facebook.com/omeunatalalemelhor](http://www.facebook.com/omeunatalalemelhor)). Parte do valor dos exemplares vendidos no Vivaci revertem a favor das actividades do "Olha-te".

Pedro Antunes  
pantunes@gazetacaldas.com

## Misericórdia em Festa para celebrar o Natal



Os funcionários da instituição entoaram canções natalícias

A festa de Natal da Misericórdia deste ano realizou-se a 16 de Dezembro e contou, como é tradição, com a participação de utentes e funcionários da instituição. A sala de convívio encheu-se de familiares e amigos dos utentes para assistir à comemoração da quadra natalícia.

Este ano, a festa não teve palco e sem a pressão de subir a um piano mais elevado, até os seniores da casa tiveram apresentações mais longas do que a habitual.

Houve quem representasse cenas passadas na Praça da Fruta, houve quem cantasse o fado, cantigas populares, ou interpretasse um poema.

Os funcionários da instituição formaram um coro para entoar alguns temas próprios desta quadra, sendo este um momento sempre muito aplaudido

pelo público presente.

"Esta festa é sempre um importante momento de celebração", disse o provedor, Lalandia Ribeiro, deixando votos de boas festas para todos na sua mensagem natalícia.

A Misericórdia das Caldas emprega 110 pessoas e tem 67 utentes no Lar de Idosos, 18 na Casa de Repouso e presta apoio domiciliário a 60 pessoas. O Internato Feminino tem 15 jovens e igual número de crianças no Centro de Acolhimento Temporário. O Jardim de Infância da instituição possui 75 crianças. A Misericórdia das Caldas ainda gere a Loja Social e este projecto presta apoio a cerca de 300 pessoas, doando-lhes bens, sobretudo roupas.

N.N.



**BOAS FESTAS**